

2

Nietzsche para todos*

Olímpio Pimenta

O pensamento de Friedrich Nietzsche, dada sua diversidade e complexidade, admite um sem número de abordagens. Numa primeira visita, é oportuno destacar as preocupações que podem conferir a ele uma feição de conjunto, bem como o itinerário cumprido para a elaboração dos temas e conceitos através dos quais suas principais realizações foram alcançadas. Um olhar assim panorâmico permite que os interessados comecem a perceber os contornos, as tonalidades e os pontos altos da paisagem, se habilitando a excursões dirigidas ao futuro.

Com efeito cabe começar pela indicação de três questões que podem nos guiar no caminho, questões essas presentes, sob formas e aspectos variados, ao longo de toda a obra dada a público pelo filósofo. Em primeiro lugar, encontra-se a reflexão sobre a “afirmação da existência”, isto é, a ambição de devolver à humanidade o cultivo de uma atitude diante do mundo e da vida que se apoie em uma avaliação positiva deles, sem desconto de seus aspectos difíceis. Correlata a ela reconhece-se, em segundo lugar, a iniciativa a favor de uma intervenção nos debates culturais, à maneira de um legislador, oferecendo alternativas à compreensão geral que a civilização tem de si mesma. Trata-se da feição do filósofo como publicista, procurando ombrear gigantes como Platão. Por fim, mas não com menor importância, tem-se o propósito da recuperação, para a filosofia, de um modo de pensar instruído pelo “sentido histórico”, que dê conta de seus móveis sem dogmatização ou ingenuidade. Vejamos, então, como se integram tais interesses à luz de uma descrição do itinerário filosófico cumprido por esse pensador singular.

Formado em Filologia Clássica, iniciado em Filosofia através da leitura de Schopenhauer¹ e frequentador dos círculos wagnerianos, o jovem Nietzsche tem seu pensamento inicial marcado pela influência do romantismo. Tendo sido indicado para a cátedra daquela

disciplina na universidade da Basileia, contando apenas 24 anos e sem poder exibir ainda qualquer feito acadêmico notável, ele faz sua estreia junto ao mundo letrado com *O nascimento da tragédia*. Na esteira dos debates relativos à fixação da identidade nacional alemã – alimentados, por sua vez, pelas sucessivas incursões de eruditos e filósofos no mundo grego, à procura de um modelo que, imitado, tornaria a Alemanha finalmente inimitável² – o livro pretende narrar conceitualmente o nascimento, a morte e o eventual renascimento do gênero dramático-trágico na modernidade. Engendra como pedra de toque o par conceitual apolíneo-dionisíaco, em torno do qual teria se originado, no momento mais esplêndido da vida espiritual daquele povo, o milagre da celebração da existência, não obstante o conhecimento de tudo o que há de penoso e apavorante em seu curso.

Este livro, espécie de centauro formado a partir da elaboração de noções e procedimentos oriundos da Arte, da Filosofia e das Ciências³, reúne pela primeira vez os três elementos referidos de início por nós. Mergulha no enigma que foi a capacidade cultivada no período clássico de dizer sim a tudo o que a vida oferece sem buscar remédio ou redenção para os sofrimentos que lhe são inerentes: ocupa-se, assim, com o esclarecimento do que foi necessário para que se lidasse com a existência de maneira afirmativa. A par disso, por meio de transições engenhosas, embora discutíveis, postula a possibilidade de que a nação alemã encontre, na evolução de sua história espiritual, guiada pela música, a força perdida do trágico: com isso, destaca-se sua vertente voltada para a intervenção no debate mais relevante do tempo. Por fim, todo o estudo é articulado segundo os termos e protocolos correntes em Filologia e, principalmente, em História, ciência rainha no século XIX. A montagem do problema depende do recurso ao então mestre Schopenhauer, de quem são tomadas emprestadas as categorias “vontade” e “representação”, instâncias últimas de referência para as figuras de Dioniso e Apolo que emergem no texto⁴.

A recepção de semelhantes ideias, inicialmente fria, torna-se, a seguir, hostil. Acusado de falta de rigor intelectual, o autor é comparado a uma espécie de sacerdote do culto a divindades mortas, o que se prestaria, no fim das contas, à promoção da causa wagneriana na esfera pública. Mal defendido pelos amigos e mal afamado junto à comunidade acadêmica, o professor Nietzsche, anteriormente considerado um indivíduo excepcionalmente dotado para a docência, vê reduzida a demanda por seus cursos. Manifestam-se a partir

daí, e com crescente intensidade, diversos problemas de saúde, que terminam por inviabilizar sua permanência no magistério.

Entretantes, vem à baila uma série de quatro opúsculos propostos do ponto de vista de um “extemporâneo”. Tratando de temas atuais a formação humana na visão de Schopenhauer, a presença de Wagner e sua ópera nos festivais do teatro de Bayreuth, a intervenção do teólogo David Strauss nas polêmicas a respeito do que seria o autêntico cristianismo e, principalmente, o estado da educação em vista do desenvolvimento maciço da cultura histórica — Nietzsche oferece para eles uma abordagem estribada em pontos de vista em nada atuais. Toma os assuntos esvaziando-os de qualquer urgência, despreocupando-se em fornecer para eles soluções práticas imediatas, pois os elabora tendo em vista sua inscrição no tempo de longa duração. Percebe-se aí a presença do platonismo, a respeito de que o filósofo vinha lecionando amiúde. Recebe ênfase a figura de um Platão voltado para a determinação dos destinos da humanidade, que encontrou nas querelas e mazelas de sua época o material com que criar um pensamento que, desde então, nunca deixou de mobilizar o ocidente. Ainda que soe estranho em vista do slogan a ser reiterado no futuro — a saber: “inversão do platonismo”, declaração de guerra a um modo de avaliar a vida mirando-se na superioridade da transcendência — parece-nos plausível tomar o Nietzsche de então como um atento escrutinador das entrelinhas do discurso do ateniense, preparando-se para o combate aludido, tanto do ponto de vista de seu conteúdo, quanto do das estratégias a serem empregadas nele. Mais uma vez, o bastidor parece composto em função das diretrizes traçadas acima: afirmação, publicismo e historicização da reflexão.

A periodização tradicional informa que os próximos livros consolidam uma fase marcada pela adesão ao projeto científico moderno, graças ao que se pode chamá-la de período positivista, cético ou iluminista. Com efeito, segundo um contemporâneo, a impressão que se tem é de que, numa sauna, saímos do recinto superaquecido da caldeira e imergimos diretamente na água gelada. A tópica, em primeiro plano, muda radicalmente: perguntas de caráter moral, sobre a sensibilidade, sobre as emoções e os afetos, sobre a formação dos hábitos e do gosto, desdobradas na direção da constituição das almas e dos corpos em todas as latitudes e momentos da história, encontram-se agora no centro da atenção. A grandiloquência do tom dispensado à lida com os gregos e sua arte é substituída por uma prosa clara, desimpedida e saborosa,

que se distribui em centenas de aforismos lapidados com esmero e concisão. Muita liberdade se experimenta aí: o cruzamento de temas é ágil, as ligações entre eles se eximem do peso da forma canônica dos tratados, valores e avaliações são examinados a frio, sem pressa, com o escrúpulo de um naturalista. Oportuno assinalar: o filósofo havia mudado de ares e companhia, passando os verões na montanha e os invernos na praia, fazendo render a modesta pensão oriunda de sua aposentadoria junto ao músico Peter Gast, ao médico inglês Paul Rée e à adorável imigrada russa Lou Salomé.

Humano, demasiado humano, Aurora e A gaia ciência são os frutos do trabalho nesta etapa. Não obstante seus traços constitutivos acima apontados fazerem desses livros coisa muito diferente do que havia sido escrito por Nietzsche anteriormente, podemos surpreender neles as orientações constantes que julgamos prevalecer no conjunto da obra. O olhar sóbrio e distanciado do moralista coaduna bem com o serviço de um programa: prover os homens modernos com elementos para a inspeção de suas formas costumeiras de viver, de modo a torná-los capazes, desde que dispostos, a tomar consciência do que os faz adoecer. Assim, ainda é a saúde vital o que inspira o pensador. Por outro lado, se a prática científica candidata-se a substituir o fervor artístico na formação de espíritos livres, tal troca não interfere no objetivo de fundo, que é fazer despertar no espaço público uma sensibilidade disponível para novas modalidades de subjetivação e socialização. Em estreita conexão com tudo isso, temos o exercício já maduro de um pensar histórico, que apesar de ainda não genealógico, alcança descrever tipos, padrões de percepção e ação, e mesmo eras inteiras, sem idealizá-los, porque robustamente nutrido junto à Fisiologia, à Química, à Etnologia e a toda sorte de disciplinas suplementares. Em suma: uma Filosofia edificada em sede histórica, disponível para a transformação do exausto público niilista, para o qual a perda de referências estáveis implicava ausência de sentido, em ativo afirmador da vida.

Mas, como já foi dito por alguém, “no meio do caminho tinha uma pedra” (ANDRADE, 1928, p.1), e no caso esta pedra é Zaratustra — mais precisamente, *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Comportando versões sucessivas, estabelecidas entre 1883 e 1885, é um trabalho de difícil classificação, dada a formulação pouco convencional de seus temas — o que não impediu o autor de considerá-lo sempre como sua principal obra-prima. Decerto

figuram aí desafios filosóficos impressionantes, como a versão completa da morte de Deus, a invocação do tipo super-homem e a superação última do niilismo pela afirmação do eterno retorno, mas seu estatuto teórico resta problemático ainda hoje. Afinal, como conciliar as pretensões demonstrativas próprias do discurso filosófico tradicional com as iluminações poéticas que constituem a íntegra do escrito? Sem a intenção de solucionar essa dificuldade, permitimo-nos avançar à hipótese seguinte. Mesmo que imbuído das mais altas virtudes epistêmicas, buriladas e louvadas nos livros imediatamente anteriores a este — dentre as quais vale destacar a probidade, o rigor investigativo e a curiosidade, que formam em conjunto uma espécie de “moral do método” —, Nietzsche também está ciente de que a empresa do conhecimento é constitutivamente vinculada às artes do intelecto⁵, que seleciona e ordena o material dado à percepção segundo a finalidade de obter condições favoráveis para o vivente que conhece. O que a ciência sabe é limitado pelo que os homens podem saber, e não convém tomar a verdade como algo independente dessa injunção. Claro, segue havendo objetividade, mas apenas como uma medida interna dos processos cognitivos, que se abrem para o mundo, mas não podem apreendê-lo em sua essência mesma — sobre a qual, inclusive, recomenda-se uma postura agnóstica. Se tudo isso é admitido, a diferença entre as proposições, muito claras e distintamente concebidas, que compõem os livros da fase cética e os discursos enunciados pela boca de Zaratustra não é substancial, mas apenas escalar. Certas coisas devem ser conhecidas em pormenor e de maneira exaustiva, outras tantas só podem ser conhecidas por meio de visões complexas e aproximativas, pois um tratamento de tipo científico apenas as dissecaria, reduzindo-as aos limites de seus traços mais elementares e fragmentários, sem proporcionar com isso qualquer ganho significativo para o vivente.

A tensão entre as diversas modalidades de enunciação dos textos é, desde esta perspectiva, uma vantagem para os propósitos nietzschianos. Tratar prosaica e diretamente um assunto, cercá-lo com uma aura poética ou mesmo condensar sua abordagem sob a forma de aforismos, é questão de senso de oportunidade. A astúcia está em encontrar o jeito adequado de dizer o que compete, tanto em relação à natureza de um tema, quanto em relação à intensidade com que se pretende fazê-lo render. Velho tópico do campo da retórica, o problema recebe um encaminhamento magistral da parte do

filósofo alemão que, ao invés de considerá-lo em abstrato, produz soluções exemplares para cada caso em que se envolve⁶.

De acordo com o roteiro adotado, marca-se aqui a transição até o terceiro período da obra. De posse de um repertório próprio, no interior do qual se firma com destaque a questão da transvaloração de todos os valores como desenho de uma humanidade futura, e instruído por suas aventuras prévias junto à arte e à cultura antigas e à ciência e à cultura modernas, o pensador assume como tarefa decisiva investigar até o fim as milenares construções devidas à antiguidade clássica e ao cristianismo, no que tange ao domínio das formas de vida que elas ensejaram. Resulta disso a elaboração de livros dotados de um fôlego intelectual espantoso, em que são forjadas as melhores expectativas a respeito da superação da dicotomia entre os valores bem e mal, matriz de quase tudo o que importa no que diz respeito ao mundo ocidental. Procedendo enfim como genealogista, pesquisador interessado em sondar a proveniência e as circunstâncias de surgimento das opções valorativas e vitais que conferem significado à cultura de cada comunidade, Nietzsche torna-se forte o bastante para contar por que e como chegamos a ser quem somos, no estágio atual da chamada história universal.

Crepúsculo dos ídolos, Além do bem e do mal, bem como *Para uma genealogia da moral* e *O anticristo*, são as realizações atingidas então. Em bloco, oferecem uma leitura completa da formação das tábuas de valor que deram à cristandade, amalgamada sobre a herança greco-romana, suas mais altas metas civilizacionais. Nada parece escapar às inumeráveis perspectivas que alimentam o colossal olhar de sobrevoos descortinado aí. As peripécias na consolidação de conceitos e sensibilidades, a geração e a corrupção de hábitos e categorias mentais derivados de experiências tremendas, as histórias de senhores e escravos e seus respectivos gostos, culpas e sonhos, tudo isso é trabalhado pela reflexão, simultaneamente larga, aguda e profunda, levada a efeito nesses escritos. E, como não poderia deixar de ser, toda a colheita serve à meta de mostrar ao leitor como é possível viver sem rancor contra a vida, em prol do *amor fati*, de maneira tranquila em plena luta na qual consiste a existência. Mais uma vez, implicam-se numa trama cerrada os três propósitos já reiterados, sobre os quais não é mais necessário insistir. Aliás, vale pedir a quem acompanhou esse artigo até esta altura, que não se acomode, e leia e releia os livros a que nos reportamos. Não só são

insubstituíveis como fonte de verificação direta da pertinência ou não de nossa chave interpretativa, mas proporcionam uma pletera de motivos para o pensamento que sequer foram aflorados aqui. A homenagem devida a eles e a exploração das questões de nossa época, à luz de suas contribuições, mal começaram.

Resta considerar *Ecce Homo*, obra do derradeiro ano de vida lúcida do nosso filósofo. Trata-se do fecho mais conveniente para esse breve passeio, uma vez que consiste na apresentação que o filósofo faz de si mesmo e de seus escritos, com vistas a não ser confundido pela recepção da posteridade. À primeira vista, recheada de pretensões exorbitantes, esta biografia faculta o acesso aos demais livros de Nietzsche pela porta da frente. A oficina do autor é exposta a partir da reconsideração de sua “arte do estilo”, de suas predileções e débitos, inclusive de ordem pessoal, de seu carinho e senões em relação ao que legou para nós. É evidente que determinados títulos convidam ao exercício de algumas suspeitas, pois a ironia e o distanciamento são companhia conveniente quando se trata de aceitar as palavras de alguém sobre si mesmo — procedimento usual desde, no mínimo, as *Confissões* agostinianas, ou dos *Ensaio*s de Montaigne. Em todo caso, mais uma vez estamos na presença de um escrito que por si mesmo seleciona sua audiência, cujas significações são irreduzíveis ao conteúdo literal das propostas e proposições que o integram. Quando bem sucedidas, composições assim parecem transpor a censura dirigida no *Fedro* às conversações que não se inscrevem na alma de quem delas participa, pois sua vida ultrapassa o limite da página escrita e passa a fazer parte da nossa.

Fica então, reiterada, a sugestão: vamos ler Nietzsche?

NOTAS

* Uma versão não anotada deste artigo encontra-se publicada em NOYAMA, S. (org.). **O sagrado, a arte e a filosofia**. São Paulo: LiberArs, 2011.

¹ Importa assinalar que, paralelamente, a leitura dos materialistas, como Lange e Spir, fez parte das primeiras incursões de Nietzsche em filosofia. A esse respeito, ver, por exemplo, SAUTET, M.; BOUSSIGNAC, P. **Nietzsche para iniciantes**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

² A melhor apresentação do ponto entre nós está em MACHADO, R. **O nascimento do trágico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

³ Cf. MACHADO, R. **Nietzsche e a polêmica sobre “O nascimento da tragédia”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

- ⁴ Para um entendimento mais matizado e completo do tema, cf. BENCHIMOL, M. **Apolo e Dioniso**: arte, filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche. São Paulo: Annablume, 2003.
- ⁵ Saúdo de passagem o admirável *Nietzsche: as artes do intelecto*, de José Thomaz Brum, publicado pela L&PM, Porto Alegre, em 1986.
- ⁶ Maiores esclarecimentos sobre o ponto estão no excelente *Elementos de retórica em Nietzsche*, de Rogério Antônio Lopes, publicado pela Loyola, São Paulo, em 2006.

Referências

ANDRADE, Carlos Drumond. **No meio do caminho**. Revista de Antropofagia, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 1, jul. 1928.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 2001.

_____. **Além do bem e do mal**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 1999.

_____. **Assim falou Zaratustra**. Tradução Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

_____. **Aurora**. Tradução César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 2004.

_____. **Crepúsculo de los ídolos**. Tradução Andrés Sanchez Pascual. Madrid: Alianza, 1984.

_____. **Da retórica**. Tradução Tito Cardoso e Cunha. Lisboa: Passagens, 1999.

_____. **Ecce homo**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 2004.

_____. **Escritos sobre educação**. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Genealogia da moral**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **Humano, demasiado humano**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 2008. v. 2.

_____. **Humano, demasiado humano**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 2002.

_____. **Introdução à tragédia de Sófocles**. Tradução Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. Introdução teórica sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral. In: _____. **O livro do filósofo**. Tradução Ana Lobo. Porto: Rés, [20--].

_____. **La voluntad de poderío**. Tradução Aníbal Frouje. Madrid: EDAF, 1981.

_____. **O anticriso/ditirambos de Dionísio.** Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 2007.

_____. **O caso Wagner/Nietzsche contra Wagner.** Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 1999.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia.** Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Schwarcz, 1992.

_____. **Obras incompletas.** Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril, 1978.

_____. **Pré-socráticos:** fragmentos, doxografia e comentários. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Abril, 1978.

_____. **Segunda consideração intempestiva:** da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. **Wagner em Bayreuth:** quarta consideração extemporânea. Tradução Anna Hartmann Cavalcanti. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Recebido em: 12 de junho de 2012.

Aprovado em: 5 de julho de 2012.